

# Mídia e Educação: problematizando noções de território midiático

Samilo Takara<sup>1</sup>  
Teresa Kazuko Teruya<sup>2</sup>

## RESUMO

A questão proposta, neste artigo, é: podemos compreender as mídias como territórios discursivos úteis à Educação? No intuito de problematizar tal questão, nos ancoramos em noções territoriais pós-estruturalistas e em teorizações inspiradas nos Estudos Culturais. Nosso objetivo é investigar as relações de poder e as enunciações dos discursos midiáticos que constituem as mídias como espaço de formação e disseminação de discursos. Temos a hipótese de que a mídia é um território em que os discursos tencionam as relações sociais, culturais e políticas e favorecem a uma formação de educadores/as capazes de entender o discurso midiático como uma ação cultural relevante a um objeto de análise útil para a Educação.

**Palavras-chave:** estudos culturais, mídia, território, discurso.

## EDUCATION AND MEDIA: QUESTIONING CONCEPTS OF MEDIA TERRITORY

### ABSTRACT

The question proposed in this paper is: ‘Is it possible to understand the media as useful discursive territories to Education?’ In order to discuss this question, I draw on the concept of territory as proposed by Poststructuralism and Foucauldian theories in the context of Cultural Studies. My goal is to investigate the relations of power and enouncements in media discourses that constitute media as a space of shaping and disseminating discourses. My hypothesis is that media is a territory in which discourses challenge social, cultural and political relations and, at the same time, promote the knowledge of educators, who became able to understand the media discourse as an useful object of analysis for education.

**Keywords:** cultural studies, media, territory, discourse.

## INTRODUÇÃO

---

<sup>1</sup> Graduado em Comunicação Social – Jornalismo pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/PR, mestre e doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Maringá/PR. Bolsista Capes/Fundação Araucária.

<sup>2</sup> Docente no Departamento de Teoria e Prática da Educação da Universidade Estadual de Maringá. Professora do Programa de Pós-Graduação em Educação. Doutora em Educação pela Universidade Estadual Júlio Mesquita Filho – Unesp (Marília). Pós-doutorado na Universidade de Brasília.

No século XIX, as instituições desenvolviam um padrão de normatização entre os indivíduos pertencentes a um grupo social, uma localidade ou até mesmo um país. Fixavam uma identidade, valorizavam um indivíduo padronizado com características comuns que cumprissem suas funções na ordem social imposta. A escola, na análise foucaultiana, é situada como uma dessas instituições opressoras, tais como: prisão, manicômio e outras instituições que se valem métodos disciplinares. Entretanto, o autor em sua obra vai explicar que esta opressão faz parte da ideia do panóptico<sup>3</sup>. O sujeito deveria ser adestrado e suas ações deveriam ser normatizadas.

A partir de meados do século os movimentos sociais dos grupos de minorias rejeitam as metanarrativas que sustentam a história universal e acentuam-se as crises sociais e filosóficas, desencadeando uma mobilidade da identidade e o reconhecimento de uma “celebração móvel do eu” (HALL, 2004).

Normal vem de *normalis*, norma, regra. Normal também significa esquadro e, assim, etimologicamente, normal é aquilo que não se inclina nem para a esquerda nem para a direita, portanto é aquilo que é como deve ser; e, no sentido mais usual, o que se encontra na maior parte dos casos de uma espécie ou o que constitui a média numa característica mensurável (MISKOLCI, 2003, p. 110).

Essa visão de normalidade começa a ser questionada no início da década de 1970. Hall (2004) explica que diversos fatores desestruturaram a visão de uma identidade fixa e possibilitaram diferentes olhares e modos de ser, pensar e agir das identidades culturais. Ele relaciona as releituras das teorias: marxista, por Althusser, a psicanálise de Freud, por Lacan, a semiótica de Saussure, por Derrida, os estudos de Michel Foucault sobre as relações de poder, e as ações do movimento feminista, entre outros movimentos sociais que se instituem para valorizar seus discursos, que foram minorizados pela normatividade.

As percepções da “crise da identidade” e as não identificações dos interesses sociais de classe vão culminar na explicação de Hall (2004). A

---

<sup>3</sup> Termo desenvolvido por Jeremy Bentham, que seria um edifício em forma de anel, onde um indivíduo poderia observar os “adestrados” que ali estivessem. Este modelo perpetuou a ação de poder e adestramento que Foucault vai analisar na obra “Vigiar e Punir”.

classe não é mais um dispositivo discursivo ou uma categoria mobilizadora por meio da qual os variados interesses e as várias identidades são reconciliadas e representadas (HALL, 2004, p. 20-21). O aporte teórico dos Estudos Culturais não pretende ser uma disciplina ou uma teoria, mas sim uma articulação entre teorias para a compreensão dos conceitos de identidade, diferença e cultura, como relações de poder/saber que perpassam pela nossa sociedade capitalista em crise.

É entre os grupos minorizados, que lutam para o reconhecimento de suas identidades culturais e seus discursos que os estudos culturais se configuram um aporte teórico que agrega lentes para uma leitura nítida dos objetos analisados, abordando a pesquisa de um modo teórico-político. Os estudos culturais não pretendem definir a norma ou o desvio, mas analisar as relações de poder que perpassam os indivíduos e as formações discursivas que retratam os contextos de identidade e diferença.

Para compreender os conceitos de identidade e diferença, tratados por Woodward (2007), ressaltamos a trajetória do conceito de cultura nos estudos culturais com a finalidade de salientar a constituição da identidade e o reconhecimento da diferença. Nos estudos culturais, a cultura seria uma multiplicidade de perspectivas. As culturas são as vivências e experiências dos indivíduos que a produzem e por ela são formados, não hierarquizando conceitos de alta ou baixa e nem definindo como ricas ou pobres, mas como culturas diferentes que são produzidas e vivenciadas por grupos e identidades distintas.

Nessas vivências inserem as construções das identidades, como relacionais, e as diferenças são estabelecidas por uma “marcação simbólica”. Outras identidades “[...] na afirmação das identidades nacionais, por exemplo, os sistemas representacionais que marcam a diferença podem incluir um informe, uma bandeira nacional ou mesmo os cigarros que são fumados” (WOODWARD, 2007, p. 14).

A cultura é vivida e relacionada entre os sujeitos para a construção da identidade e da diferença numa relação de diálogo. O discurso do eu, que forma a identidade deve, de qualquer maneira, ter características que não são comuns à diferença, entretanto, a diferença e a identidade se relacionam também ao conceito de norma, que foi citado anteriormente no trabalho de Miskolci (2003, p. 113), e relaciona com o conceito de desvio que “é sempre relativo a uma das características do homem considerado padrão por nossa sociedade, ou seja, o homem branco, heterossexual e burguês”. Entretanto, o

padrão fixo de norma e de desvio ainda são pouco elaborados, em relação aos conceitos de identidade e diferença que permeiam as narrativas dos sujeitos.

Ainda temos as normas pré-estabelecidas e a valoração de algumas identidades em detrimento de outras por um julgamento prévio da norma, que Foucault vai apresentar nas relações de poder que permeiam nossa sociedade. É sob esses registros de normalidade e desvios, que foram desacomodados em meados do século XX que o conceito moderno de Cultura, entendido por alguns como elaborações de alto nível cognitivo, artístico e afetivo foi bombardeado.

Antropologia, a Linguística, a Filosofia, a Sociologia e outras áreas de conhecimento, como a Educação e a Comunicação começaram a indagar, questionar e se propuseram a desconstruir “no sentido até de detonar”, nas palavras de Veiga-Neto (2003, p. 11), o conceito moderno e problematizar a existência de culturas especulando as relações e os jogos de poder/saber que instituem sentidos e significados.

As mídias alteraram as relações dos sujeitos consigo e com seus interlocutores. As transformações tecnológicas e o acesso à informação também modificaram a significação dos processos comunicacionais e educacionais no século XXI. Essa instabilidade não deve ser caracterizada como positiva ou negativa, porque é necessário que não nos apeguemos aos binarismos, mas que utilizemos essas informações, acessos e tecnologias para uma nova concepção de relações e para outras possibilidades de atuação social, cultural e política.

## **EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO**

Com a incorporação das mídias no contexto social, cultural, político e econômico, houve adequações nas relações entre os indivíduos e as possibilidades de mediação dos meios de comunicação. Thompson (2011) explica que essa oportunidade de “ação à distância” facilitou os acessos e as relações. Teruya (2006, p. 102) destaca que “as mídias estão transformando a sociedade” e que já é impossível que não se atente aos efeitos que os usos desses meios de comunicação estão causando. É nítido que “as mídias invadiram e deixaram suas marcas em nosso universo”.

As tecnologias de comunicação e informação estão presentes nas relações sociais e educacionais. As mídias interativas disponibilizadas no sistema web oportunizam trocas de informações, de ideias e de experiências

(LÉVY, 2000; PLANT, 1999; SIBILIA, 2008; TERUYA, 2006). Araújo (2009, p. 13) comenta que essas alterações denotam “um novo tempo, um novo espaço e outras maneiras de pensar e fazer educação” para responder a inserção desses meios de comunicação e suas alterações nas relações e nos processos educacionais.

As mídias tornam-se, segundo Araújo (2009), novos espaços de sociabilidade e oportunizam outras organizações para a informação, o conhecimento e a aprendizagem. Para Teruya (2006) as tecnologias contribuem ao acesso às informações de forma rápida e esses recursos comunicacionais favorecem o ensino. Friederichs (2009) explica que os usos dos artefatos midiáticos interativos corroboram para que os discursos sejam propagados, discutidos, compreendidos e analisados. Não se depende mais da participação em grandes instituições e empresas de telecomunicação para que seus discursos sejam publicados.

Sibilia (2008, p. 10) alerta que dentro e fora das mídias a criação pode ser “capturada pelos tentáculos do mercado”. Desse modo, a formação dos/as alunos/as precisa de base analítica para questionar e discutir o capitalismo contemporâneo e seus interesses na produção e no envolvimento dos sujeitos com as mídias. A interatividade dá-se por meio da criatividade, e esta, segundo Sibilia (2008) tem se tornado um combustível para o sistema econômico presente.

Araújo (2009) e Teruya (2009) ressaltam a importância de que as gerações que estão em contato e se formando com a colaboração dessas tecnologias devem se aproximar de uma visão crítica sobre os usos e os conteúdos desses meios de comunicação. Para Araújo (2009, p. 14) “consultar a internet requer, antes de tudo, discernimento, a atitude de poder em xeque a informação, a necessidade de se fazer mais perguntas que de encontrar respostas”.

As crianças estão em contato com as mídias desde o nascimento e crescem nesse contexto de experiência e vivência com os aparelhos e seus usos. Para Teruya (2009, p. 160) a contribuição da mídia como um “instrumento essencial para promover a democratização e contribuir para diminuir as desigualdades sociais, culturais e intelectuais” e ressalta as possibilidades de comunicação entre professores/as e seus/suas alunos/as por meio das mídias interativas, por exemplo, o computador conectado à internet. No entanto, a autora alerta que os conteúdos midiáticos devem ser analisados em seus contextos culturais, históricos e sociais. Os/as usuários/as da internet

precisam desconstruir o discurso midiático naturalizado e respaldar-se em discursos culturais, filosóficos e bases de pesquisa científica para mostrar as instituições de normas presentes nesses discursos.

Friederichs (2009, p. 33-35) afirma que “o ciberespaço não tem dimensões geográficas bem definidas”. Desse modo, expressar-se nesse espaço é compreender as relações mediadas pelos meios de comunicação como uma possibilidade fora das fronteiras físicas, porque “o ciberespaço pode ser pensado como um espaço de experimentação, onde o sujeito que chega é convocado a um estranhamento dos saberes e ‘verdades’”. Araújo (2009) considera que as atividades didáticas podem ser feitas tendo as mídias, no caso a internet, como suporte.

Komesu (2010) enfatiza a importância das tecnologias digitais na vida humana e suas colaborações para a produção do saber, oportunizando contato com discursos que perpassam as mídias.

### **BLOGS: ALGUMAS DEFINIÇÕES**

Entre os diferentes usos, encontramos softwares que são concebidos para a relação entre os sujeitos que publicam textos, fotos, músicas e vídeos, além de não exigir um conhecimento específico de computação. Entre esses softwares destacamos o *blog*, considerado “uma corruptela de *weblog*, expressão que pode ser traduzida como ‘arquivo na rede’” (KOMESU, 2010, p. 136-137).

A expressão Weblog foi cunhada em dezembro de 1997 pelo norte americano Jorn Barger. Blog, como também é chamado, é um tipo de publicação online que teve sua origem no hábito de logar (entrar, conectar, gravar) à web, fazer anotações, transcrever, comentar os caminhos percorridos pelos espaços virtuais. (ARAÚJO, 2009, p. 51-52).

Rodrigues (2011, p. 1-2) explica que *blog* é “uma abreviação das palavras inglesas *web* (rede) e *log* (diário de bordo onde os navegadores registravam os eventos das viagens). Na realidade os *blogs* podem ser considerados autênticos diários, mas em formato eletrônico”. Um dos usos do *blog* é a exaltação do narcisismo ao inserir imagens, poemas e outras expressões com objetivo de exibir o “eu” a uma determinada comunidade (RODRIGUES, 2011, p. 2-3).

Friederichs (2009, p. 23) caracteriza *blogs* como “páginas on line, pessoais, dinâmicas, interativas que podem tratar de variados assuntos”. Halmann (2006) aproxima sua definição de *blog* dos diários, entretanto, avisa que “os *blogs* não são simples transposições dos diários íntimos de papel para web. Há todo um processo de remediação envolvido neste processo, ou, quem sabe, até sejam processos completamente distintos” (HALMANN, 2006, p. 28). Komesu (2010) caracteriza o *blog* como espaço para a expressão da escrita e a escolha de imagens e sons que compõem o texto disponível.

Para Sibilia (2008, p. 12-13), os *blogs* podem ser utilizados como “diários éxtimos” por “expor a própria intimidade nas vitrines globais da rede”. A autora informa que os primeiros *blogs* surgiram no final do século passado. Em 2005, havia onze milhões. Segundo sua pesquisa, a blogosfera acolhia no ano de publicação de seu livro cerca de cem milhões de diários, as quantidades tendem a dobrar a cada seis meses, pois todos os dias, novos/as escritores/as tendem a publicar diferentes *blogs*. Tomando por base os dados fornecidos por Sibilia (2008), no primeiro semestre de 2013 são esperados aproximadamente um bilhão de *blogs*.

As quatro autoras apontam diferentes explicações para esse espaço midiático. O *blog*, em nossa concepção, é um território em que os sujeitos se expressam utilizando textos próprios ou selecionando textos de outros/as autores/as e recebem colaborações por meio da ferramenta de comentários que pode ou não estar inserida no *blog*. Quanto aos assuntos discutidos, as autoras concordam que são diversos e que são expressões de ideias e posicionamentos dos/as autores/as sem censuras.

Komesu (2010) colabora com as considerações de Hallmann (2006) ao discutir que os/as blogueiros/as<sup>4</sup> contam do seu cotidiano e da história de pessoas consideradas comuns. Friederichs (2009, p. 23) indica que “falar é exprimir com palavras, dizer, contar, narrar, conversar, dialogar” e ressalta que a fala está relacionada com os saberes e as verdades ditos. Desse modo demonstram as relações de poder culturais e sociais das quais o sujeito participa. “Saberes e verdades que não são fixos nem estáveis e são mobilizados pelos discursos e representações que são, em determinados períodos, privilegiadas” (FRIEDERICHS, 2009, p. 23-24).

---

<sup>4</sup> Termo popular usado para denominar aqueles e aquelas que têm um *blog*.

Além dessa oportunidade de não haver uma censura exercida por um indivíduo, a autora evidencia que os *blogs* podem se relacionar, desenvolvendo uma “blogosfera<sup>5</sup> cada vez maior, fazendo deste um fenômeno social, onde fica em evidência a criatividade humana” (HALMANN, 2006, p. 30 – grifos da autora). A autora registra que outra característica do território midiático que seria o dinamismo. Sua explicação é que em tese qualquer um que conheça os conceitos mínimos da internet e tenha vontade de escrever pode ter um *blog*. No exercício de alimentação de conteúdos desse território, o blogueiro percebe os consumos de informação e busca outras informações para incrementar sua postagem, o que dá curiosidade para conhecer outras áreas que se relacionam com os conteúdos de conhecimento e que podem ser interessantes para o *blog* tal como “o jornalismo, a educação, a produção e disseminação da ciência” (HALMANN, 2006, p. 30-31).

Uma das características principais dos territórios midiáticos da internet seria a interatividade e troca de informações de maneira instantânea, oportunizando aos sujeitos partilharem o espaço virtual ao mesmo tempo em espaços diferentes do globo. “O suporte material da internet coloca o escrevente em contato com o Outro. Sua utilização condiciona novas práticas para a escrita e a leitura das páginas hipertextuais” (KOMESU, 2010, p. 144).

Em sua dissertação, Araújo (2009, p. 15) defende que os *blogs* podem ser usados de diversas formas nos processos de ensino. A pesquisadora explica que com a facilidade de fazer publicação e de opinar sobre determinado assunto, esses territórios midiáticos oportunizam aos/às professores/as e alunos/as a se apropriarem desse território para explorarem as possibilidades do mesmo como um “ambiente de aprendizagem”. Franco (2005) aponta o potencial interativo e explica que o *blog* tem contribuições pedagógicas. A autora ressalta características como a publicação instantânea de textos, a divulgação de hiperlinks e os apontamentos de outros materiais, como também comunicação entre autor/a e leitor/a por meio dos comentários como oportunidades de construção de conhecimento.

Aguaded e Baltazer (2005) consideram o *blog* um instrumento de comunicação que permite comentários e enriquecem o material por oportunizarem discussões sobre os temas disponibilizados. O território

---

<sup>5</sup> O termo *blogosfera* é utilizado para apresentar um grupo de *blogs* que publicam sobre assuntos comuns e se citam e relacionam-se entre comentários e colaborações nos conteúdos dos/as participantes



mediático recebe influências de diferentes discursos que são perpassados de saberes e poderes que compõem os ditos e os silenciamentos. É um espaço com possibilidades em ser individual ou coletivo, ter um só tema ou abordar vários, não é um espaço sem poder, sem domínio. O *blog* é um território e seu dono ou sua dona é quem subjetiva e se apodera dos discursos presentes ali.

Araújo (2009) defende que o uso do *blog* na educação pode contribuir para a construção do conhecimento e possibilitar os processos de autoria e autonomia entre professores/as e alunos/as. Friederichs (2009, p. 15), as publicações feitas em *blog* são resultantes das práticas discursivas decorrentes das culturas da qual o/a blogueiro/a tem contato. Sua hipótese é que os *blogs* podem “produzir ‘verdades’ e saberes na contemporaneidade”.

O *blog* não é, de forma alguma, terra de qualquer um, onde todos podem falar qualquer coisa e se dizerem como bem entenderem: são vários fatores de acesso, onde as pessoas são ligadas a determinadas realidades [...] o *blog* sempre dá pistas, emaranhadas em uma complexa teia, que remetem ao autor do *blog* e suas vivências (HALMANN, 2006, p. 85).

Halmann (2006) corrobora para nossa pesquisa por defender que a identidade é uma construção com “infindável quebra-cabeças”. Ao perceber essa identidade como uma construção interminável, suas colaborações se aproximam da visão que defendo, da identidade como posicionamentos do sujeito, como inferem os autores e as autoras dos Estudos Culturais e os Feministas. Para Araújo (2009), a educação deve oferecer uma colaboração para a vida, desse modo não se exige uma forma fixa, e sim uma oportunidade de perceber suas vivências e suas experiências no mundo.

## **ESPAÇO PÚBLICO E VIDA PRIVADA**

Friederichs (2009) mostra que os discursos da escola, da família, da mídia, dos contos de fadas entre outros atuam como pedagogias que disciplinaram os corpos e ensinaram formas de “ser mulher”. Os *blogs*, desse modo, são sistemas de representação, que “articulam um conjunto de discursos, ou melhor, de fragmentos de discursos que tramam através da fala da blogueira [e do blogueiro]” (FRIEDERICHS, 2009, p. 54).

As mídias são artefatos culturais, Friederichs (2009) explica que atuam como pedagogias culturais ensinando modos de ser, pensar e agir no mundo. A autora salienta que os *blogs* são parte da cultura e a escrita nesses territórios é “um ato público”. Sua argumentação é que ao escrever, os/as blogueiros/as

reivindicam um espaço público para “expor seu pensamento, suas críticas, ideias e pretensões” (FRIEDERICHS, 2009, p. 43).

O território *blog* permite que histórias sejam registradas, experiências sejam contadas, que haja informações sobre como agir a determinado momento turbulento. Como as pessoas sobrevivem as suas desgraças individuais e as nossas desgraças coletivas. Essas histórias, registros e desabafos também ensinam modos de pensar, agir e ver o mundo. O *blog*, os comentários feitos por leitores/as possibilitam uma rede de interações entre o indivíduo e seus/suas contemporâneos/as.

O ato de escrever é um ato de criar alma, é alquimia. É a busca de um eu, do centro do eu, o qual nós mulheres de cor somos levadas a pensar como “outro” – o escuro, o feminino. Não começamos a escrever para reconciliar este outro dentro de nós? Nós sabíamos que éramos diferentes, separadas, exiladas do que é considerado “normal”, o branco-correto (ANZALDÚA, 2000, p. 232).

Ao falar de si, o/a autor/a denota seu *blog* como um território da subjetividade. Sibilia (2008, p. 16) explica que as subjetividades “são modos de ser e estar no mundo, longe de toda essência fixa e estável que remete ao ‘ser humano’ como uma entidade a-histórica de relevos metafísicos, seus contornos são elásticos e mudam ao sabor das diversas tradições culturais”. Desse modo, há influências dos contextos biológicos, sociais e culturais para pensar o mundo e a si. Nessa perspectiva, a cultura dá contornos para que o indivíduo se aproxime do grupo, compreenda as relações entre ele e seus interlocutores estão imersos nos processos culturais, sociais, políticos e econômicos.

O uso do *blog* é uma forma de visualizar discursos que foram instituídos e também salientar proposições que são desvios de normas. Ao realizarmos a interação entre essa mídia e os discursos escolares e pedagógicos, possibilitamos uma visibilidade para as narrativas de diferentes indivíduos, com identidades e culturas contrastantes e convergentes e promovendo uma troca de argumentos e perspectivas para a compreensão de discursos diversos dos aceitos pela norma. Esta visibilidade para as discussões podem ser encontradas, por exemplo, nos comentários.

[...] o comentário não tem outro papel, sejam quais forem as técnicas empregadas, senão o de dizer enfim o que estava articulado silenciosamente no texto primeiro [...] O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe

dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado [...] O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta (FOUCAULT, 2009, p. 25-26).

Os discursos podem ser elaborados nos blogs e utilizados para a discussão no espaço escolar, nos referenciamos em Santomé (2008) que aponta algumas culturas que são esquecidas pela ideia de norma que constitui o currículo escolar. Esses grupos chamados minorizados são dominados por discursos hegemônicos respaldados nos conceitos do que é normal. E a partir desta normalidade, são tratados como invisíveis ou diferenças que não fazem parte da instituição escolar. Na pluralidade de culturas e identidades, a diferença não é tratada e nem elaborada com os/as alunos/as e professores/as.

O uso *blog* como um território em que o privado e o público convergem, contracenam e contrapõem-se favorece a conversação de diversas diferenças e de suas negociações políticas, culturais e sociais. Apresentar textos de *blogs* que contam as experiências de grupos que se propõem a preservar algumas das histórias de seu povo, conhecer a vida de homossexuais e de mães solteiras, assim como saber sobre diferentes informações que não estão nas mídias hegemônicas é uma das possibilidades que os blogs podem contribuir para que os/as professores/as apresentem diferentes contextos.

A educação escolar deve dar visibilidade e aceitar o direito de outros cidadãos de discursar sobre suas vidas, suas experiências e suas relações nos mesmos espaços que vivemos. Como ressalta Santomé (2008), “a aceitação da própria identidade é uma das principais condições para saber valorizar a dos demais” (SANTOMÉ, 2008, p. 163).

Nós defendemos que os *blogs* também podem trazer consigo outros olhares e diferentes discursos para os espaços escolares que estão imersos nas sociedades tecnológicas. Discutir sobre identidades e diferenças é valorizar as culturas que se relacionam para construir outros discursos que favorecem os diferentes espaços de visibilidade no contexto educacional.

O *blog* como um suporte pode ser um desses espaços aos diferentes discursos que possibilitam a reelaboração de seus enunciados na busca por ações educacionais e comunicacionais capazes de reinterpretar caminhos e possibilidades de vivência dessa sociedade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Identificar os blogs como artefatos pedagógicos e mídias que contribuem para a expressão das subjetividades de seus/suas autores/as e contribuição para as vivências e experiências de seus/suas leitores/as é uma forma de entender que a seleção, a organização e a difusão de informações também contribuem para outros modos de compreender as relações sociais, culturais e políticas nessa sociedade imersa nas redes tecnológicas. Ao entendermos que essas pedagogias culturais disseminadas na internet guiam, ensinam e explicam modos de ver e agir no mundo possibilita visibilizarmos mais uma vez a tênue fronteira que se estabelece nos campos de pesquisa em Comunicação e Educação.

Com base nas discussões estabelecidas nesse artigo, visualizamos o potencial dos blogs em educar para a análise e para a produção de conteúdos, informações e para a problematização de verdades cristalizadas. Para os que utilizam esse artefato cultural, uma das possibilidades é o discorrer de si com poucas censuras de suas opiniões e uma oportunidade de fazer-se visível nesses espaços interativos e entrar em contato com outras formas de enxergar o mundo. Para os que recorrem aos *blogs* como fontes, que os leem atentos ou como forma de distração, essas mídias oportunizam sair do senso hegemônico e dos valores impostos e sancionados a todos os momentos pelas grandes corporações. O *blog* oportuniza que hajam pontos de vista em discordância, estabelece conversações e, quando usado politicamente pelos grupos minorizados, também está a serviço de desconstruções dos padrões estereotipados que povoam os artefatos midiáticos.

## REFERÊNCIAS

ANZALDÚA, Gloria. Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do terceiro mundo. **Estudos Feministas**. n. 1, 2000. (229-236).

ARAÚJO, Michele Menghetti Ugulino de. **Pontencialidades do uso do *blog* em educação** - Natal, 2009. Dissertação (Mestrado em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte). Disponível em: [bdtd.bczm.ufrn.br/tesdesimplificado/tde.../9/TDE.../MicheleCMUA.pdf](http://bdtd.bczm.ufrn.br/tesdesimplificado/tde.../9/TDE.../MicheleCMUA.pdf) Acesso em: 20 de abril de 2011.

BALTAZAR, Neusa; AGUADED, Ignacio. **Weblogs como recurso tecnológico numa nova educação**. Aveio, 2005. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br>. Acesso: 3/12/2010.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.

FRANCO, Maria de Fátima. **Blog Educacional**: ambiente de interação e escrita colaborativa, 2005. Acesso: 17/05/2011. Disponível em: [www.brie.org/pub/index.php/sbie/article/view/416/402](http://www.brie.org/pub/index.php/sbie/article/view/416/402).

FRIEDERICH, Marta Cristina. **Mulheres “on line” e seus diários virtuais**: corpos escritos em *blogs*. Porto Alegre, 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HALL, Stuart. **Da Diáspora**: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HALMANN, Adriane Lizbehd. **Reflexões entre professores em blogs**: aspectos e possibilidades. 138 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 2006.

KOMESU, Fabiana Cristina. *Blogs e as práticas de escrita sobre si na internet*. In: MARCUSCHI, Luiz Antônio; XAVIER, Antonio Carlos. (Orgs). **Hipertexto e gêneros digitais**: novas formas de construção de sentido. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2010. p. 110-119.

MISKOLCI, Richard. Reflexões sobre normalidade e desvio social. **Estudos de Sociologia**. UNESP-Araraquara n. 13/14, 2003. p. 109-126. Disponível em: <http://seer.fclar.unesp.br/estudos/article/view/169>. Acesso em: 20 de abril de 2011.

PLANT, Sadie. **Mulher digital: o feminino e as novas tecnologias**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1999.

RODRIGUES, Catarina. **Blogs: uma ágora na Internet**. Disponível em: <http://www.labcom.ubi.pt/agoranet/04/rodrigues-catarina-blogs-agora-net.pdf>. Acesso em 17 de abril de 2011.

SANTOMÉ, Jurjo Torres. As culturas negadas e silenciadas nos currículos. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Alienígenas na sala de aula**. Uma introdução aos Estudos Culturais em Educação. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008. (159-177).

SIBILIA, Paula. Os diários íntimos na Internet e a crise da interioridade psicológica. **XII COMPÓS**: Recife/PE, 2003.

SIBILIA, Paula. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

TERUYA, Teresa Kazuko. **Trabalho e educação na era midiática: um estudo sobre o mundo do trabalho na era da mídia e seus reflexos na educação**. Maringá/PR: EDUEM, 2006.

TERUYA, Teresa Kazuko. Sobre Mídia, Educação e Estudos Culturais. In: MACIEL, Lizete Shizue Bomura; MORI, Nerli Nonato Ribeiro (Orgs). **Pesquisa em Educação: múltiplos olhares**. Maringá: EDUEM, 2009. (151-165).

THOMPSON, John. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 12. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Cultura, culturas e educação. In: **Revista Brasileira de Educação**. n. 23. 2003. (5-15).

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: SILVA, Tomaz Tadeu (Org. e Trad.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. (7-72).